



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13825 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

BIOPODER E BIOPOLÍTICA NO ESPAÇO-TEMPO DA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maritza Maciel Castrillon Maldonado - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Luciene Neves Santos - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

BIOPODER E BIOPOLÍTICA NO ESPAÇO-TEMPO DA ESCOLA

EM TEMPOS DE PANDEMIA

RESUMO:

Realiza-se um exercício de análise do biopoder exercido nas instituições escolares para garantir uma biopolítica que potencialize a vida. Problematiza-se como a pandemia pela COVID-19 apresentou um paradoxo para compreender a escola e o currículo no que se refere a democratização de tempo livre, e, em seguida é realizada uma defesa da escola como instituição capaz de potencializar a vida. Este texto é resultado parcial de pesquisa realizada no ano de 2021 com docentes do ensino fundamental vinculados às redes Estadual e Municipais de ensino do Estado de Mato Grosso. Um questionário, com perguntas abertas e fechadas, fora encaminhado através do *Google Forms*. Obteve-se o retorno de 407 respostas, advindas de docentes lotados em escolas urbanas, do campo, indígenas e quilombolas situadas em todas as regiões do Estado. Utilizou-se de nuvens de palavras para criar *círculos de convergência* entre as narrativas apresentadas e realizar as análises. Conclui-se pela necessidade, mais do que nunca, de tecer *elogios à escola*.

PALAVRAS-CHAVES: Escola, Currículo, Pandemia

INTRODUÇÃO:

Este texto tem por objetivo realizar um exercício de análise do biopoder exercido nas instituições escolares para garantir uma biopolítica que potencialize a vida. Problematizamos, inicialmente, como a pandemia pela COVID-19 nos apresentou um paradoxo para compreender a escola e o currículo e, em seguida realizamos uma defesa da escola como

instituição capaz de potencializar a vida.

Para o alcance desses objetivos, dividimos este texto em três partes.

Na primeira abordamos o paradoxo colocado, em tempos de pandemia, para pensar o funcionamento e a utilidade da escola e do currículo. Trazemos a escola com e sem o movimento de seus habitantes para pensar como o corpo que a movimenta continua sendo indispensável para sua sustentação, bem como para a produção do corpo. Na segunda conceituamos do biopoder e biopolítica (FOUCAULT, 2005) funcionando na escola constituída na modernidade. E, para finalizar, pensamos a potência da escola e do currículo para constituir corpos livres e autônomos, trabalhando com os princípios da igualdade e da democracia.

1. O PARADOXO DA ESCOLA E DO CURRÍCULO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Antes do sinal tocar, às 7 horas da manhã, o movimento começa a acontecer no portão da escola. Pais com crianças na garupa das bicicletas, se atropelando para entrar primeiro. O ônibus que chega carregado de esperança. O portão se abre, o sinal toca, e os espaços quadriculados das salas passam a ser preenchidos por todas e todos, conforme uma sequenciação e gradação, como nos ensinou o bom e velho Comenius (NARODOWISK, 2006), e o ritual de suspensão começa a acontecer. A professora fecha as portas, cria uma situação que faz com que a magia da atenção se estabeleça e propõe algo que mobilize o interesse dos estudantes em torno da matéria. O mundo, lá fora, para. A professora, com seu duplo amor, pelo mundo e pela nova geração, como nos ensina Hannah Arendt (1961) traz um pedaço desse mundo para dentro da sala de aula e o coloca em funcionamento no corpo daquelas crianças e jovens.

O que a professora quer criar? Um espaço-tempo que reverbere em Corpos atentos, interessados pela matéria. O mais importante nesse momento é criar condições para que aquele mundo selecionado pela professora e pelo currículo, seja dobrado na alma daquelas crianças. Como fazer com que isso aconteça? Com a pandemia, tentamos olhar para o corpo da criança e do jovem e não os encontramos!

No período da Pandemia pela COVID-19, vimos as escolas sendo fechadas, o espaço-tempo interdito para trabalhar e incidir seus efeitos nos corpos dos alunos. A instituição capaz de garantir a democratização paralisada.

A educação escolarizada sempre foi criticada por suas sanções normalizadoras, pelos mecanismos de controle dos corpos, pela disciplina incidindo sobre o corpo da criança e do jovem para torna-lo dócil e útil para a sociedade capitalista, bem como pelos conhecimentos veiculados pelos currículos de maneira acrítica, descontextualizada, despolitizada, de modo a garantir a reprodução do sistema. Imputa-se à escola constituir-se em um maquinário

normalizador, colonizador e alienante, que impõe, estabelece e reproduz, mais ou menos violentamente, certa ordem social. Acusam-na de estar velha, caquética, desmotivada, desatualizada. Dizem que não acompanha as transformações do mundo, que na escola não cabe a vida, que a escola não alcança os índices. Acusam-na também de praticar “ideologia de gênero”, formação política de esquerda, de constituir corpos desviantes do que denominam boa moral e bons costumes. Conservadores e progressistas veem a escola, falam sobre ela, analisam-na e tecem críticas a esse espaço-tempo que constitui pessoas há, pelo menos, em moldes modernos, quatrocentos anos.

Foi dessa instituição que sentimos falta na PANDEMIA?

No ano de 2021 realizamos uma pesquisa com o objetivo de cartografar a escola e seus movimentos em tempos de Pandemia. A ideia foi pensar como o *escolar* passou a ser constituído fora do espaço-tempo da escola, utilizando as tecnologias digitais para criar condições de encontros, de aprendizagem, de afetos, de devires. Um questionário, com perguntas abertas e fechadas, fora desenvolvido e encaminhado a docentes através do *Google Forms*. Obteve-se o retorno de 407 questionários, advindos escolas estaduais e municipais, urbanas, do campo, indígenas e quilombolas situadas em todas as regiões do Estado de Mato Grosso.

Analisando as respostas a esse dispositivo, chegamos a alguns círculos de convergência ^[1] que anunciavam como a cartografia estava sendo composta. Esses círculos passaram por palavras que convergimos em: Mudança consubstancial, aula, preocupação com alunos, meio para a aula acontecer; casa como ambiente educativo; saúde/doença/morte e devir. Considerando que cada círculo desses garante argumentos para inúmeros artigos, ativemo-nos, neste texto, em nos concentrar na manifestação de docentes em relação à sua preocupação com os alunos. Suas falas remeteram à dificuldade para acessar, incentivar, contactar; conhecer; dar presença e avaliar; falta de internet, dificuldade de aprendizagem; falta de participação nas aulas; inacessibilidade; ausência do contato direto; necessidade de correr atrás; prejuízo curricular.

Questionamos: 2020 foi um ano de muitas transformações em nossas vidas pela pandemia. De uma hora para outra mudamos nossos cotidianos familiares e de trabalho, ambos sendo afetados decisivamente. Como aconteceu esse processo de mudança em seu cotidiano profissional?

A mudança foi a forma de dar as aulas, que agora tivemos que nos adaptar ao ensino à distância. Tive que me adaptar a novas tecnologias, utilizar outras metodologias para ensino. O incentivo aos alunos acessar a plataforma ou a fazer as atividades apostiladas se tornou mais uma carga docente, pois agora não temos mais o contato com o aluno, então acompanhar à distância se tornou exaustivo (...). O que mais me traz angústia é dar *presença e avaliar os alunos* no sistema da SEDUC-MT sem estar em constante contato com o aluno (Professora Fé).

A participação dos alunos nas aulas remotas decaiu consideravelmente com o passar do tempo. Atualmente, em um universo de aproximadamente 300 alunos somente 5 participam, pouco mais de 1%. Sendo assim, o impacto na vida profissional é um *completo apagão de feedback de aprendizagem* (Professor Amor).

Foi e ainda é muito difícil e complicado. E tenho uma preocupação muito grande em relação a aprendizagem de meus alunos. Não me desligo do trabalho, pois a todo momento, não importa o horário e o dia da semana, acabo atendendo os pais, os alunos, corrijo atividades daqueles que participam, uma minoria (Professora Força).

As narrativas acima demonstram que a maior dificuldade foi de acessar os alunos. Foi pensando nisso que passamos a exercitar nossas análises para a ideia de que o espaço-tempo da escola congrega elementos fundamentais que garantem a democratização do *tempo livre e igualitário*. A escola, segundo Masschelein e Simons, é uma invenção política da *pólis* grega, que garante a todos o “tempo livre”. “Na escola grega, não mais era a origem de alguém, sua raça ou sua ‘natureza’ que justificava seu pertencimento à classe do bom e do sábio” (MASSCHELEIN E SIMONS, 2014, p. 26). Em que pese o tempo que se passou, as diversas formas assumidas pela escola, as acusações e demandas dirigidas a ela, é possível afirmar, ainda, que a escola é a instituição que, na contemporaneidade, também garante esse “tempo livre”, como um direito assegurado a todas as crianças a partir dos quatro anos de idade.

Ao mesmo tempo, essa instituição funciona como parte de uma maquinaria de controle da vida da população, constituindo-se, também, em um dispositivo da biopolítica. Na pandemia, onde estavam os corpos para que procedimentos do biopoder fossem acionados? Para pensar sobre isso, vamos aos referidos conceitos...

2. BIOPODER E BIOPOLÍTICA

Como se desenvolve o biopoder e a biopolítica?

Segundo Foucault (2005), por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e de morte sobre seus súditos. “O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la” (FOUCAULT, 2005, p. 128). Mas, esse velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de fazer viver e deixar morrer. É exatamente nesse ponto de inversão na maneira de conceber o poder que o biopoder emerge. Entre os séculos XVII e XIX, o biopoder, ou seja, o impacto do poder político sobre o corpo do indivíduo, inicialmente, e sobre a população, se instauram, para que o controle da vida garanta o direito de viver.

Pelo biopoder, no século XVII, uma anátomo-política do corpo humano começa a funcionar para constituir o corpo como máquina. O corpo disciplinado, dócil e útil para a

sociedade nascente. O corpo sofre ações do biopoder tanto no nível individual, tornando-os dóceis, como no nível coletivo, tornando-o computável, saudável, visível, assegurado. Para a produção desse corpo, instituições funcionam como máquina biopolítica, uma maquinaria de controle da vida das populações. Controle para potencializar a vida. Controle para que se permita viver, bem e melhor e que, no futuro, se tenha garantias sociais que lhe permita uma morte tranquila.

Essa maquinaria vem funcionando, desde o século XVII até os dias atuais, utilizando-se das instituições disciplinares para incidir poderes sobre os corpos, torna-los disciplinados, atentos, interessados. A escola é uma das instituições que utiliza de técnicas de poder e faz funcionar essa maquinaria de produção do corpo... um corpo, diria Foucault, dócil, útil e apto para a sociedade.

Mas aí, veio a pandemia e vimo-nos sem os corpos das crianças e jovens. Tornamo-nos desesperados, pois sem eles, a materialidade da anátomo-política se desfez. Se a anátomo-política tem por função incidir no corpo e ele não está no espaço-tempo da escola, onde encontrar esse corpo para que a maquinaria funcione?

Vejam o paradoxo aqui. O corpo que não vai para a escola, não sofre a incidência anátomo e biopolítica sobre ele. Essa falta de contato dos corpos com o espaço-tempo da escola faz com que a escola fracasse, porque o corpo da criança e do jovem não sofreu seus efeitos. Logo, o espaço-tempo da escola, e seu movimento, em que pesem as críticas, são necessários para que a escola seja escola.

Mas, e se tivéssemos a *internet* funcionando bem para professores e alunos? E se tivéssemos condições apropriadas nas casas para que o contato via *internet* fosse potencializado? A anátomo e a biopolítica seria possível?

Acreditamos nos ideais da democracia como princípios e fins da escola. Mas, nossa geração passou a criticar tudo o que tem a ver com a homogeneização e igualdade. A ideia era de que a escola recebesse as crianças a partir do princípio da igualdade e trabalhasse potencializando-o. Mas, tendo esse princípio sido despotencializado, a partir das fortes críticas recebidas, a escola passou a individualizar os sujeitos e a utilizar critérios desiguais para desenvolver sua ação. Talvez precisemos pensar coletivamente nisso, talvez a escola deva repensar alguns de seus fundamentos. Um deles, o da igualdade.

Se todos forem bem alfabetizados... se todos gostarem de ler... se todos compreenderem uma hipótese matemática... se todos se situarem no espaço e no tempo, talvez seja possível ver a diferença escapando, potencializando-se e legitimando saberes outros. Em qualquer dos modos, o movimento só se dá com o corpo presente na escola. Além de presente, o corpo precisa estar atento e interessado na matéria que lhe é apresentada. Independente de qual matéria for, trata-se de um pedaço do mundo que se abre para dobrar na alma dos estudantes. Como trazer a beleza para os pedaços do mundo que os currículos apresentam às novas gerações?

CONCLUSÃO

Concluimos que o desafio para a escola e para o currículo, nestes tempos pós-pandemia, seja olhar novamente para a anátomo-política, reconhece-la como aliada, e pensar maneiras de trabalhar com ela, com princípios de igualdade e democracia na produção de corpos atentos e interessados para o mundo que lhe é apresentado na escola. Um corpo atento e interessado pode se constituir em um corpo Político que potencializa a vida e não a morte. Um corpo não obediente, um corpo revolucionário. Concluimos, com a pesquisa, a necessidade, mais do que nunca, de elogiar a escola (LARROSA, 2017), potencializar suas práticas e, sempre, lutar por sua permanência fazendo diferença na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, HANNAH, *The crisis in education*. New York: Viking Press, 1961.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo. Ed. 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, edições Graal. 2005.

LARROSA, Jorge. *Elogio da escola*. Tradução Fernando Coelho. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola – uma questão pública*. Tradução Cristina Antunes. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NARODOWSKI, Mariano. *Comenius e a Educação*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

[1]

Para Deleuze e Guattari, círculos de convergência são palavras que funcionam como platôs. São conceitos. Para os franceses, “os conceitos são linhas, quer dizer, sistemas de números ligados a esta ou àquela dimensão das multiplicidades (estratos, cadeias moleculares, linhas de fuga ou de ruptura, *círculos de convergência*, etc.)” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 34, grifo nosso).